**'N' de nada disso**

comédia para dois atores

Elvira Vigna

*Apartamento pequeno e atulhado. Ator desliga o celular, com um suspiro de satisfação. Começa a dançar. Música bem atual com ritmo marcado. Põe e tira a camisa se examinando num espelho. Corpo feio. Decide ficar com a camisa. Abre a porta, apaga a luz e se ajeita na poltrona. Iluminação só de um néon que entra pela janela, piscando.*

*Atriz entra pela porta entreaberta já sem parte da roupa e soltando o cabelo.*

Ela

Oi. Sou a Lia, da Igreja Evangélica. Daqui que chamaram?

Ele

Foi. Eu sou o suicida.

*Atriz acaba de tirar a roupa. Ator vai tirando a dele e pondo cuidadosamente numa pilha.*

*A música se mistura a barulhos urbanos, freadas, sirenes, brigas na rua.*

*Trepam em uma cena que aparece e some, aparece e some, graças à iluminação do néon.*

Ele

Boazinha você, hein, Lia. Sempre foi assim, prestativa, pronta a ajudar os semelhantes?

Ela

*(Vestindo a calcinha)* Não, idiota. Tenho uma psicopatologia. Só gozo quando durmo com suicidas. Por isso é que arranjei esse emprego no Plantão da Vida. Ganho uma merreca, mas me dou bem pelo menos umas duas, três vezes por semana.

Ele

Sei. Você une o útero ao agradável. *(Ri às gargalhadas. Ela não.)*

Ela

Teu perfil não era dos melhores. Só vim porque o movimento anda fraco. Férias, melhoria dos índices econômicos, tempo bom em quase todos os fins de semana, prozac a dar com pau no camelô, vá lá saber o motivo de todo mundo estar assim se sentindo tão bem. Deprimente.

Ele

E qual é o perfil bom? Qual é o seu tipo preferido de suicida?

Ela

Por ordem de entrada. Literalmente. *(Agora é ela quem ri às gargalhadas. Ele não)* Primeiro lugar: o pau-mole de 50 anos que não pode tomar viagra por causa do coração. Segundo, o que descobriu que a amante dele não presta porque também tem um amante. Depois vem o que perdeu todo o dinheiro abrindo uma franquia e o adolescente espinhento. Em último, só mesmo o idiota entediado que, segundo pude compreender, é o seu caso.

Ele

Desculpe eu não ser o brocha.

Ela

Não tem importância. Fica pra próxima outra vez.

Ela

Bem, antes de ir embora, tenho que cumprir minha obrigação. Lá vai. Você vai fazer uma besteira se matando, o que, aliás, já deve saber. Não que eu ache que se continuasse vivo modificaria alguma coisa. Não. Acho mesmo que, vivo ou morto, você não faz a menor diferença. Ninguém faz. Eu, por exemplo, estou viva só de sacanagem. Aliás, se mal pergunto, como você pretende se matar? Ateando fogo às vestes? *(Olha para ele, que está nu e de meias)* Atirando-se pela janela? Ah, é segundo andar da Augusta e tem marquise embaixo. Não quebra nem a perna. Só arrisca derrubar a marquise, que deve estar podre de tão velha em cima de alguém que não tem nada a ver com isso. Overdose? É isso?

Ele

Revólver mesmo. "Azeitona na orelha mata homem na frente de uma pentelha. " Sou poeta.

*Ela ri. Ele também dá uma risadinha.*

Ela

Esse negócio de revólver é engraçado. *(Sobe em cima dele na poltrona. Vai falando e mexendo com o pau dele, que está mole)* Estou nesse negócio há pouco tempo. Mas teve um caso que acho que não vou esquecer. Um sujeito muito sério. Ofereci meu tratamento-trepada e ele nem quis. Gostava mesmo era de um revolvinho. Só que era só olhar para o revolver e começava a vomitar. Aí desisti de trepar e fiquei só balançando o revolver. Quando ele parava de vomitar, eu balançava o revólver e ele recomeçava. Está vivo até hoje. Conversa vai conversa vem, de vômitos passamos a falar de comida. E consegui incutir nele um irrefreável gosto por tiramisu de boteco. Ele queria se suicidar porque era bancário, corno e impotente. Hoje é diabético também. Mas vivo. *(Olha o pau dele, mole)* Sabe vivo? *(Suspira. Pausa.)*

Nem sempre é fácil. Me contaram um caso em que, tendo uma colega lá da igreja persuadido o potencial suicida a lhe entregar o revólver, ela saiu porta afora, com um chapéu de caubói, se dando tapinhas na própria bunda e fingindo que dava tiros para o ar. Mas o imbecil, demonstrando total falta de cultura cinematográfica, não brandiu chicotinho algum, não cavalgou nada. Pelo contrário, bateu a cabeça na parede até morrer.

Ele

Por falar em bater a cabeça de desespero, dá para calar a boca um instantinho? Esse papo todo me atrapalha e se for pra gente engrenar uma segunda é melhor ir logo ao que interessa. Já está ficando tarde e amanhã tenho trabalho. Quer bebida, maconhinha, carreira, balinha, filme pornô? Sonho de Valsa? Me amarro em mulher que gosta de Sonho de Valsa.

Ela

Obrigada. Não tenho pequenos vícios. *(Ri despropositadamente)* Mas faz como for melhor para você. Se quiser um sonzinho para relaxar, eu bem que gosto. Assim, alguma coisa para marcar o ritmo. Mas, por favor, não mude seus hábitos por minha causa. E se você tiver assim uma vontade especial é só dizer, xuxu. Estou aqui para servi-lo.

Ele

Bem, então, por favor, passemos ao chão. Dá menos dor nas costas. Depois da senhora, por favor.

*Ele põe a mesma música.*

*Vão para o chão, sem muita vontade. E outra vez os barulhos da rua se sobrepõem ao ritmo e aos gemidos.*

Ainda? Ah, outra vez? Ok!

Ok!

Dá para tirar o cotovelo um instantinho?

Ok! Ok! Ok!!

O que é isso?

Como assim, o que é isso?!

Ahn, ok, desculpe, continua.

Não! Não! Não!!!

Sim! Sim! Sim!!!

*Aos poucos os barulhos da trepada vão arrefecendo. A música também vai perdendo o ritmo, em rotação lenta.*

*Saem de trás da poltrona. Começam a se arrumar um pouco.*

*Ele aponta um dedo para a meia dele que está com ela, sem falar nada.*

*Ela primeiro não entende. Depois dá a meia para ele.*

Ele

Tenho pé frio. *(Coloca a meia no pé que faltava)*

Ela

Ó, foi melhor do que eu esperava, viu.

Ele

É. Também me surpreendeu. Não achei que fosse ser tão bom. Mas vem cá... Você não pode ter achado bom.

*Ela continuam a se vestir, catando a roupa espalhada, ele pega a cueca da sua pilha bem arrumada.*

Ela

Pois achei.

Ele

*(Indo acender a luz.)* Ah, para com isso, que eu sei. Pra cima de mim?

Ela

Falando sério. Gostei mesmo.

Ele

Mas querida, se você só goza com suicida, eu não sou suicida.

Ela

Como assim?

Ele

Tudo mentira, lindinha. Não trabalho em banco coisa nenhuma, nunca conheci nenhuma Cordélia que tivesse me corneado, como te falei no telefone, e jamais pensei em me suicidar. Eu estava é sem programa, sacou?

*Ela acabou de se vestir. Está com um modelo sóbrio de blazer e saia cinza abaixo do joelho. Prende o cabelo num coque austero. Ele continua de cuecas e meias.*

Ela

Tem certeza?

Ele

De que?

Ela

Que você não é suicida?

Ele

O que acha, santa? Olha bem para minha cara. Vê se estou deprimido.

Ela

Não estar deprimido não é motivo suficiente. Conheço muita gente que morreu rindo.

Ele

É, mas não sou bancário, nem corno, nem sem grana, nem muito feio, certo? E adoro trepar, diga-se de passagem. *(Ri)*

Ela

E o que você faz, se não é bancário?

Ele

Trabalho em uma concessionária aqui na Consolação. Ao lado de casa, nem mesmo o trânsito infernal de São Paulo eu pego. Só vendo o carro, não ando nele.

Ela

Vendedor de carro em São Paulo.

Ele

É.

Ela

Sei. *(Pausa)* Há quanto tempo?

Ele

O que?

Ela

Há quanto tempo você vende carro?

Ele

Faz tempo.

Ela

Compreendo...

Ele

Vou ser promovido agora no final do ano, sabe? Vou passar do modelo popular para o flex de embreagem hidráulica. Não sou nenhum medíocre, não.

Ela (zombando)

Uuuiiii! Embreagem hidráulica!

Ele

*(Agora com um pouco de raiva)* É um cargo de responsabilidade e prestígio.

Ela

Não duvido. *(Pausa)* E corno? Tem certeza que não é?

Ele

Sou um solitário convicto, queridinha. Mulher e camisa, pra mim, é bom trocar todo dia, senão fede. *(Ri encantado consigo mesmo)* Comigo é assim. Comprar absorvente feminino na farmácia, e ajudar a lavar prato é coisa que Papai do Céu jamais verá o garotão aqui fazer. *(Ri outra vez)* Você pode falar o que quiser, mas minha vida é boa. E não tenho chateação. Chego aqui, de noite, e não tenho nada pra me aporrinhar.

Ela

Se entendi certo você só sai com garota de programa, então?

Ele

*(Bem cafajeste)* Encontrei a chave da felicidade e tranquei minha porta para o compromisso, minha filha. *(Ri outra vez, se adorando.)*

Ela

E dinheiro, você ganha o bastante? Carro bom, viagenzinhas de fim de semana, aparelhos digitais de última geração...

Ele

Dá pro gasto. Estou num plano lá da empresa para comprar um novo modelo, com abatimento e em 40 prestações pré-fixadas. E a grana dá, viu *(Parecendo inseguro),* dá bastante bem. Mudando de assunto, me diz, você é casada? Tem um Ataulfo aí que dê pra a gente aproveitar na próxima trepada?

Ela

Você não é o primeiro a querer me passar a perna. Me avisaram, quando entrei lá no Plantão da igreja, que eu ia encontrar esse problema a três por dois. Adorei a ideia. Mal sabiam eles que eu queria era isso mesmo. Mas acontece que nunca consegui gozar com um homem que não fosse realmente suicida. Às vezes eu pensava: pronto, esse aí me enganou, que bom! Estou curada da minha psicopatologia. Mas que nada, uma semana, um mês depois, lá vinha a notícia no mural do escritório: "Fulano de tal, visitado várias vezes por nossa representante Lia Fagundes, e que todos julgavam um blefe, um cafajeste sem escrúpulos, meteu uma bala na cabeça." *(Pausa prolongada)* Mas quer dizer então que você vende carro, não tem mulher, tem bastante prestação, e mora aqui, nesse edifício caindo aos pedaços na parte ruim da Augusta?

*(Abre a janela, entra uma lufada de fumaça de ônibus, torna a fechar)*

E amigos, tem?

Ele

Claro, a patota da balada. Saímos sempre. Eles são hilários.

Ela

E quando está a maior chuva e não dá nem para sair do edifício por causa da enxurrada de lixo e esgoto?

Ele

Quando chove... *(Para no meio sem ter muito o que responder.)*

Ela

*(Sorrindo e tirando da bolsa uma esferográfica e um bloco, já completamente desinteressada.)* Bem, cara, me dá os dados certos desta vez que preciso fazer o relatório porque bispo adora uma estatística. Nacionalidade?

Ele

Brasileira, mas estou pleiteando a portuguesa também. Por parte de pai.

Ela

Puxa! Melhora muito! Nome completo?

Ele

José Carlos Alberto Ramos Azevedo Rodrigues de Araújo Silva.

Ela

José Silva. Idade?

Ele

32 anos

Ela

*(Para si mesma, enquanto escreve)* Indivíduo de cerca de 40 anos, moreno claro, comerciário, solteiro, 1m70 de altura...

*Ela olha para o pau dele, depreciativa e escreve mais um pouco no papel. Ele se inquieta, tenta ler, ela não deixa.*

Ela

Motivo?

Ele

Motivo?

Ela

É, motivo.

Ele

Mas não vou me suicidar.

Ela

Será que vou ter que começar tudo outra vez?

Ele

Ora, vá pra puta que te pariu, sua pentelha. Já vi que pra você todo mundo está sempre querendo se suicidar. Porra, que urubu. Você acha que sou tão estúpido que vou cair na sua? Sou vendedor sim, e daí? Tenho um apartamento de quarto e sala, minúsculo, mas é meu, tá sabendo? Quanto a conseguir o carro dos meus sonhos, é só uma questão de tempo. E mulher é o que não falta nesta terra. E o que mais eu ia poder querer, hein?

Ela

Nada. Você não poderia querer mais nada.

Ele

É isso mesmo. E sou um sujeito legal. E sadio. De corpo e alma. Quis comer alguém, comi você. E nem paguei. *(Ri muito)* Ora, vejam só. É verdade que você não é nenhum mulherão, mas também, a domicílio e numa madrugada avançada de sábado, o que eu poderia esperar?

Ela

Nada. Você não poderia esperar mais nada.

*Silêncio prolongado*

Ele

*(Caindo em si)* Desculpe a grosseria. Não sei por que, mas de repente fiquei com raiva de tudo.

Ela

É natural. O dia hoje foi muito chato. Clima carregado. Acho que o tempo vai mudar.

Ele

É mesmo. Você também notou? Uma sensação desagradável desde a manhã. Nem calor nem frio, né. Como se estivesse tudo parado. Acho que ontem também já estava assim. Anteontem... *(Se recuperando)* E você nasceu onde, Lia? Aliás, você tem certeza que não quer uma bebida? E o Sonho de Valsa? Aceita o Sonho de Valsa!

Ela

Não, obrigada. Sou gaúcha. Chocolate, só de Gramado.

Ele *(Comendo um Sonho de Valsa)*

Ah, minha mãe também era, que coincidência! Mas nem gosto do Sonho de Valsa. É uma citação de uma música. Já fui crooner. Não deu certo.

Ela

Ela já morreu, tua mãe?

Ele

Não... *(Sorri)* Sempre digo "era" porque não me dou bem com ela. Nem com ela nem com ninguém da família. Foi por isso que vim pra cá, morar sozinho. Vem cá, senta aqui.

*Se espreme na poltrona para dar lugar a ela.*

Ela

Não. Preciso ir embora.

Ele

Agora? É madrugada de sábado, porra. Quem tinha programa já está nele, quem não tinha foi dormir. Engrenar alguma coisa é impossível. E terminar o nosso aqui, seguindo sua previsão, ia ser meio ruim, não acha?

Ela

Não. Sinto muito, tenho mesmo que ir. *(Vai para a porta)* Boa noite.

Ele

Mas escuta, você não pode ir embora assim.

Ela

Assim como?

Ele

Bem... *(Procurando uma razão para retê-la)* Eu ainda não disse o motivo.

Ela

Motivo?

Ele

É. O motivo. Do suicídio...

Ela

Ah, não se preocupe. Deixo em branco, por enquanto. Quando você descobrir me avise. Ou pelo menos deixe um bilhetinho em cima da mesa. Sabe como é essa burocracia.

*Quando ela sai, um lugar do chão faz um rangido. Ela repete a pisada e torna a haver o rangido.*

Ela

Você precisa consertar isso aqui. Digo, para o próximo morador. Uma questão de gentileza.

*Ela sai.*

*Ele fica em silêncio e imóvel por alguns minutos. Depois começa a arrumar o palco. Muda a poltrona de lugar, ajeita o estofado. Limpa alguma poeira do chão.*

*Fica parado mais um pouco.*

*Torna a pegar o iPhone. Começa a olhar umas fotos de mulher. As fotos são projetadas num telão. Olha rapidamente, em ritmo acelerado, sem saco.*

*Para. As projeções somem.*

*Anda um pouco. Ajeita a poltrona, a camisa.*

*Repõe o mesmo ritmo. Tenta outra vez os passos de dança.*

*Para.*

*Começam a entrar ruídos urbanos como buzinas, freadas.*

*Ele apaga a luz. Senta na poltrona. Os barulhos urbanos continuam no palco iluminado só pelo néon. Ele sai.*

Passagem de tempo*.*

*O ritmo da música volta a se sobrepor aos barulhos urbanos. Ator entra com roupa de ginástica, sacola e toalha no pescoço. Acende a luz. O cenário mudou. Em vez da poltrona tem uma esteira. É uma academia de ginástica. Ele envelheceu alguns anos. Está com óculos de grau e tem os cabelos grisalhos.*

*Ator começa a caminhar na esteira.*

*Entra a atriz. Se ele envelheceu, ela, ao contrário, está com aparência mais jovem do que na primeira cena. Cabelos curtos e eriçados, pintados de verde ou laranja. Roupinha de ginástica colante, sexy. Um piercing ou tatuagem.*

*Cumprimenta o ator sem nem olhar direito para ele e começa a dar pulinhos no ritmo da música, como aquecimento. Depois acelera.*

*Pula, corre, mexe com os braços.*

*Levanta peso, torna a correr e a pular, frenética.*

*Ele continua a fazer o exercício dele bem lento, também sem olhar para ela.*

*Ela corre para lá e para cá em toda a extensão do palco.*

*Até que para na frente dele e começa a levantar a perna. Primeiro uma. Depois a outra.*

*Senta no chão, as pernas bem abertas e levantadas na frente dele.*

*Ele continua o exercício. Ela para o exercício dela. Fica com as pernas bem abertas e levantadas olhando para ele.*

Ela

Você! Agora me lembro!

Ele

Hein? Falou comigo? *(Para o aparelho de ginástica)* Ah!, a.... a.... *(Olha para as pernas dela)* Ah, sim! Agora também me lembro! Mas como era seu nome mesmo?

Ela

Lia. Lembra? Do Plantão da Vida da igreja evangélica?

Ele

Isso! Lia! Claro!

Ela

Você não morreu?

Ele

Não sei direito. Às vezes acho que sim, às vezes acho que não. Mas que horas são? Não costuma ter ninguém aqui nessa hora.

Ela

Três da manhã. E você? Não tem de estar na concessionária amanhã?

Ele

Saí. Pedi transferência de agência, depois engrenei com uma dispensa médica, e depois não fui mais. Não sei se notaram. Continuam me pagando o salário-base sem comissão. Acho que não notaram. O que você está fazendo aqui?

Ela

*(Voltando a mexer as pernas)* Ginástica.

*(Para outra vez)* Eu também saí lá do Plantão da Vida. Depois de trepar com você, descobri que dá para trepar com qualquer um. Qualquer um!

Ele

*(Desconcertado)* Puxa, que bom! E tem trepado muito, então?

Ela

Tenho. Quer dizer, não. Quer dizer, sim. No começo. Depois cansei. Tudo igual, sabe.

Ele

Sei.

*Recomeçam lentamente a fazer ginástica. Ela abre e fecha as pernas levantadas na frente dele, bem devagar. Ele vai acelerando cada vez mais seu aparelho. Desliga de repente.*

Ele

Escuta, vamos trepar.

Ela

Vamos.

*Ela começa a tirar a roupa, ele também. Ele joga a roupa dele, ela dobra a dela, arrumadinha.*

Ela

Apaga a luz. Estou a cada dia mais jovem. Lifting, botox, massagem nutracêutica, injeção de célula-tronco, lipo, fisioterapia dermato-funcional, peeling, restylane, juvederm, ressurfacing. Não quero que você leve um susto com meu corpo.

*Ele apaga a luz. Um outro néon pisca pela janela, com outra cor.*

*Barulhos de trepada e a mesma mistura de barulhos urbanos da primeira cena de trepada, só que mais mornos, mais devagar.*

Ele

Não está funcionando.

Ela

Não. Quer um viagra? Sempre tenho um viagra aqui no bolso.

Ele

Também tenho. Mas já tomei. Quando dobrei a roupa engoli um sem você ver. *(Pausa)* Só se a gente inventar alguma coisa.

Ela

Vamos inventar que a gente não está em São Paulo.

Ele

Não vai dar certo. Tem o cheiro de pastel que vem do bar do térreo.

Ela

Inclui. Inclui.

Ele

É que o bar se chama Spleen.

Ela

Hein?

Ele

'S' de Sodoma, 'P' de puta, 'L' de leucócitos. Le-u-có-ci-tos. 'E' de estamos aí, 'E' de estamos aí outra vez, 'N' de nada disso. Spleen, porra.

Ela

Paciência. Vamos lá. A gente tá no Spleen e você me amarra no banquinho e...

*Barulhos urbanos tomam a cena.*